

PROFESSORA DE ESCOLA WALDORF ALFABETIZA CRIANÇAS COM HISTÓRIAS CONSTRUÍDAS A PARTIR DA CULTURA INDÍGENA

Nesse mês em que se celebra mundialmente a alfabetização, a Federação das Escolas Waldorf no Brasil (FEWB) ressalta a aprendizagem da língua, central na pedagogia Waldorf, e destaca como esse processo pode ser trabalhado visando à interculturalidade.

Na Pedagogia Waldorf, o processo de alfabetização inicia-se a partir do primeiro ano do Ensino Fundamental, conforme define a Base Nacional Comum Curricular (BNCC). A alfabetização compreende também o processo do desenho para a escrita e depois para a leitura.

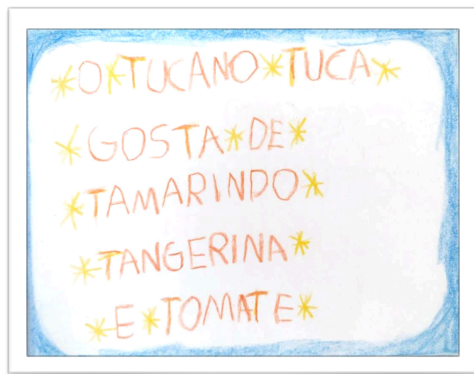
“A criança em idade escolar anseia por ler, não uma leitura de códigos somente, mas uma leitura de mundo. A professora ou o professor diante desta criança é o responsável por apresentar o mundo e esta apresentação se dá pela ligação que o educador desenvolve com o educando. Mostrar-lhe o que faz sentido para ele próprio, adulto, e ressignificar o saber no encontro. Nesta idade as crianças estão cada uma em um estágio de alfabetização e passam a se ligar na construção do saber pelas histórias apresentadas pelo educador. A alfabetização ocorre uma vez só na vida, mas ler o mundo é para sempre. Ensina-se, na verdade, a ler o mundo, interessar-se por ele. Essa é a grande tarefa que acompanha o processo ensino aprendizagem que se dá nos primeiros anos escolares”, afirma Helena Wurker, professora na Escola Waldorf Rudolf Steiner.

Na prática, o aprendizado começa com a professora criando uma história matéria, termo definido na Pedagogia Waldorf. Essa história, inédita para as crianças, é formulada pela professora alfabetizadora que segue com os mesmos alunos idealmente até o 8º ano. A história é contada para as crianças dia após dia, com personagens ou elementos relacionados a consoantes e vogais a serem trabalhadas, e considera também aspectos do território em que as crianças vivem, da cultura local, buscando criar laços com a realidade de vida das crianças, que fazem desenhos



dessa história, remetendo aos formatos de tais consoantes e vogais, até chegarem na escrita e leitura.

Um exemplo com mais detalhes sobre a prática foi apresentada na sessão de pesquisas de docentes no VI Congresso de Pedagogia Waldorf, realizado esse ano, em Juiz de Fora (MG), e que falou sobre a diversidade da cultura brasileira.



A professora Rosa Marques, docente de uma turma do Ensino Fundamental I em escola Waldorf, em Fortaleza (CE), contou que ao iniciar o processo de alfabetização das crianças teve o objetivo de unir a fundamentação da Pedagogia Waldorf com elementos da cultura dos povos originários do Brasil, especificamente o povo Guarani, baseada em estudos feitos pela professora.

“O objetivo desse trabalho, que continua ao longo de mais alguns anos, é de alfabetizar e levar informações às crianças, de maneira imaginativa e verdadeira, para que possam estabelecer relações justas e igualitárias sobre os povos que constituíram e constituem nosso País, proporcionando um olhar para a sabedoria, a beleza e a arte que existe nos costumes, crenças e no modo de viver de cada povo”, comenta Rosa.

Nesse caso, a história criada pela professora se passa em uma aldeia guarani na qual a personagem principal é a menina Tainá, que vive aventuras cotidianas. Nesse momento lúdico, as letras vão se revelando - vogais e consoantes -, considerando cenários, costumes e elementos presentes na cultura Guarani.

“Entendo que essa abordagem é de extrema importância na atualidade, pois, o (re) conhecimento leva à admiração e traz consigo o respeito e o olhar humano, que equilibra as relações sociais e reduz significativamente o preconceito e a necessidade de imposição sobre o outro”, acrescenta Rosa.



A professora Rosa relata, ainda, que, ao longo do processo foi observado um crescente interesse das crianças em conhecer como Tainá vivia, o que acontecia com ela a cada dia, que letra suas aventuras trariam. Expressões guarani passaram a incorporar seu dia a dia, como por exemplo, ‘Deixe de nhem nhem nhem’, o que quer

dizer 'deixe de falatório, de conversa fiada'. "O reconhecimento da cultura através das imagens, das conversas e da roda rítmica foi muito rico e abraçado avidamente pelas crianças, que se apropriaram da história e estão conseguindo trazê-la para sua vida diária e suas relações sociais dentro e fora da escola", conclui Rosa.

Essa é uma das práticas que acontecem em escolas Waldorf e que buscam integrar a alfabetização com a interculturalidade.

Outros trabalhos podem ser conhecidos e acessados no site da FEWB, em

https://fewb.org.br/VI_congresso_brasil_pesquisas.html.

O Dia Mundial da Alfabetização é celebrado todos os anos em 8 de setembro, e foi declarado pela UNESCO em 26 de outubro de 1966 na 14ª sessão da Conferência Geral da UNESCO.

Sobre a Pedagogia Waldorf no Brasil

A Pedagogia Waldorf no Brasil compreende 263 escolas e iniciativas, sendo escolas comunitárias associativas sua grande maioria. Dessas escolas, 35 pertencem à REDE de Organizações Sociais na Pedagogia Waldorf, que são instituições comprometidas com a vulnerabilidade socioeconômica infantil e juvenil, garantindo ensino Waldorf gratuito.

Esse conjunto de escolas distribui-se em mais de 22 estados brasileiros e pelos 10 Territórios Educacionais Waldorf e Regionais de Educação Infantil, caracterizando um movimento crescente na América *Latina*.

Esse texto contou com a colaboração de Cristina Velasquez, Articuladora Pedagógica da FEWB, Rosa Wurker, professora Waldorf de Ensino Fundamental há 30 anos, professora em cursos de formação de professores Waldorf, além de docente na Pós-graduação da Faculdade Rudolf Steiner e de Rosa Cristina Branco Marques, professora na Escola Waldorf Micael Fortaleza (CE), Sede Fátima.

As imagens são produções de crianças feitas durante os períodos de alfabetização vivenciados no primeiro ano do ensino fundamental.